

HISTÓRIA E MEMÓRIAS REACENDIDAS: a apropriação Terena da escola¹

HISTORY AND MEMORY RE-ENLIGHTENED: the Terena's appropriation of school

HISTORIA Y MEMORIAS RE ENCENDIDAS: la apropiación Terena de la escuela

VERA LÚCIA FERREIRA VARGAS

Doutora em História professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Aquidauana/ Mato Grosso do Sul/Brasil

veravargasesco@gmail.com

IÁRA QUELHO DE CASTRO

Doutora em História professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Aquidauana/ Mato Grosso do Sul/Brasil

iqcastro@uol.com.br

Resumo: No presente artigo buscou-se mostrar a apropriação da escola pelos Terena no Mato Grosso do Sul, as ações realizadas para fortalecê-la junto à comunidade indígena e, principalmente, junto à sociedade envolvente. Trabalhou-se sob o pressuposto de que essa instituição foi transformada pelos professores indígenas em um importante mecanismo para as suas reflexões políticas e como lugar de se compreender histórias, reavivar memórias e a língua Terena, por meio do qual se realiza uma leitura do passado e com isso fortalece a memória histórica do grupo, que legitima as reivindicações atuais por direitos, sobretudo os territoriais.

Palavras-chave: Escola. Terena. Apropriação.

Abstract: This paper describes the appropriation of school by the Terena's in Mato Grosso do Sul, the actions taken to strengthen it with the indigenous community and especially by the surrounding society. We've worked under the assumption that this institution was transformed by indigenous teachers in an important mechanism for their political thoughts and as a place to understand stories, reviving memories and Terena's language, through which they perform a reading of the past and strengths the group's historical memory, which legitimizes the current demands for rights, especially territorial.

Keywords: School. Terena. Appropriation.

Resumen: El presente artículo muestra la apropiación de la escuela por los Terena en Mato Grosso do Sul; las acciones realizadas para su fortalecimiento junto a la comunidad indígena y, principalmente, junto a la sociedad envuelta. Trabajamos sob el presupuesto de que la institución haya sufrido un cambio por los profesores indígenas en un importante mecanismo para sus reflexiones políticas y como un espacio para que se comprenda sus historias, revivan sus memorias y la lengua Terena, por lo cual se realiza una lectura del pasado y con esto fortalezca su memoria histórica del grupo, que legitima las reivindicaciones actuales por derechos, sobre todo los territoriales.

Palabras-clave: Escuela. Terena. Apropiación.

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2015 e aprovado para publicação em novembro de 2015.

A história indígena nas duas últimas décadas, entre o final do século XX e, sobretudo, no início do século XXI, passou por intensa transformação. As discussões realizadas pelos pesquisadores adquiriram novas abordagens. A aproximação entre a História e a Antropologia tem permitido um diálogo mais amplo sobre essa questão, devido aos interesses, por um lado, dos antropólogos pelos processos de mudanças ocorridos entre os povos indígenas e, por outro, dos historiadores pelos seus comportamentos e crenças². Essa nova realidade, conseqüentemente, tem produzido uma nova história indígena, nos termos definidos por John Manuel Monteiro³, permitindo compreender e, por isso mesmo, apontar as ações dos índios como sujeitos plenos de sua história, ao longo do seu processo de contato com o outro, indicando a mudança do foco de análise do colonizador para os índios.

Nessa perspectiva, constam alguns trabalhos, entre eles: “Negros da Terra”⁴, sobre os índios e os bandeirantes nas origens de São Paulo, quando John Manuel Monteiro estabeleceu uma nova concepção sobre os índios na história do Brasil. Ainda nesse sentido, Maria Regina Celestino de Almeida, em “Metamorfoses Indígenas”⁵, convida-nos a compreender as diferentes relações estabelecidas entre os índios aldeados no Rio de Janeiro com os diferentes agentes sociais da Colônia.

Essas produções contribuíram para o desenvolvimento de muitas outras e em diferentes lugares do Brasil, realizadas por pesquisadores interessados em compreender as diversas formas de ser índio, como demonstrou Elisa Frühauf Garcia⁶. Novas histórias foram escritas e nelas as diferentes contribuições indígenas foram aos poucos adquirindo formas e ganharam registros na história do Brasil. Nesse sentido, apontam para outra realidade mais justa, na qual se visualizam os indígenas cada vez mais presentes na arena política nacional e, aos poucos, conquistando direitos e legitimando o seu lugar na história.⁷

Processo confirmado atualmente pelos próprios pesquisadores indígenas ao registrarem sua história e, também, elegerem a si próprios como autores e atores, dialogando com a produção acadêmica existente sobre eles e, assim, produzem as suas próprias concepções sobre os mais diferentes assuntos que fazem parte do seu universo cultural. Esse

² ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

³ MONTEIRO, John Manuel. Armas e armadilhas. In: NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 237-250.

⁴ MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

⁵ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

⁶ GARCIA, Elisa Frühauf. *As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América Portuguesa*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

⁷ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

contexto pode ser exemplificado na publicação de “Olhares indígenas contemporâneos⁸”, organizada por Gersem José dos Santos Luciano, Jô Cardoso de Oliveira e Maria Barroso Hoffmann, que reúne algumas das pesquisas indígenas.

Dessa forma, podemos constatar que eles estão cada vez mais inseridos na sociedade envolvente, sem que isso represente perda de sua identidade étnica, apontando para uma das formas por meio das quais se instrumentalizam para os diferentes embates com o Estado brasileiro. Atualmente no Mato Grosso do Sul existe cerca de vinte dissertações e três teses defendidas em diferentes programas de pós-graduação das universidades brasileiras, sendo quinze dissertações e duas teses defendidas por professores e pesquisadores Terena, três dissertações e uma tese defendidas por professores e pesquisadores Guarani⁹ e uma dissertação defendida por um professor e pesquisador Kinikinau. Muitos outros índios estão inseridos nos programas de mestrados e doutorados em fase de conclusão ou de defesa de suas pesquisas, para a obtenção dos seus títulos de mestres e doutores. Esses novos intelectuais vêm construindo uma nova etapa da história indígena. Na maioria das vezes, essas pesquisas têm um ponto em comum, pois praticamente todas elas discorrem sobre a escola e as atividades nela desenvolvidas, junto à comunidade na qual se encontra inserida.

Os povos indígenas têm construído novos contextos, nos quais a escola tornou-se o lugar a partir do qual formulam respostas e argumentos para a defesa e conquista de direitos, enfim, para realizar os seus enfrentamentos com o Estado brasileiro. Nesse sentido, a escola e a universidade têm contribuído significativamente para os avanços nas discussões em torno dos direitos indígenas. Pois elas propiciam o diálogo entre os professores indígenas que atuam nas aldeias e, na maioria das vezes, também são os acadêmicos indígenas inseridos nas universidades brasileiras, dessa forma, provocam e ampliam as discussões sobre a história indígena, bem como de seus direitos. Nesse sentido, o objetivo deste texto é evidenciar a apropriação da escola pelos Terena e o fortalecimento dessa instituição no interior da comunidade indígena¹⁰ como instrumento para a luta por seus direitos.

O pesquisador terena Wanderley Dias Cardoso afirmou que a escola indígena cumpre uma importante função entre os Terena, principalmente, à medida que auxilia para a

⁸ LUCIANO, Gersem José dos Santos; OLIVEIRA, Jô Cardoso de; HOFFMANN, Maria. *Olhares indígenas contemporâneos*. Brasília: Centro Indígena de Estudo e Pesquisa, 2010. (Série Saberes indígenas).

⁹ Entre as quais a dissertação de mestrado de Tônico Benites defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional UFRJ, defendida em 2009, foi publicada em 2012 como segue: BENITES, Tônico. *A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

¹⁰ A palavra comunidade indígena será mantida ao longo deste texto, porque é assim que os Terena se identificam quando se referem ao coletivo da aldeia.

compreensão das mudanças sociais ocorridas em sua história e das relações estabelecidas com a sociedade envolvente. Os professores indígenas munidos de informações acerca de sua história e de seus direitos formulam respostas às constantes perguntas que têm surgido por parte dos não índios, sobretudo com o recente movimento de retomada de seu território. A escola, ou seja, a educação escolar indígena tornou-se fundamental para a realização dos embates com o Estado, dessa forma, Cardoso analisa que:

[...] na medida em que avança a discussão sobre o papel da escola indígena como transmissora de informação sobre os direitos indígenas. Percebemos que a estratégia para a recuperação de territórios imemoriais passou a fazer parte da pauta política das aldeias de Buriti, Cachoerinha, Ipegue/Taunay e Nioaque que vêm realizando vários seminários internos para discutir a temática.¹¹

As discussões, na maioria das vezes, são realizadas na própria escola da aldeia e conduzidas pelas lideranças indígenas, entre as quais, atualmente, foram incluídos os professores, vinculados ao movimento indígena nacional, os acadêmicos, além dos demais membros da comunidade indígena local.

Nesse sentido, podemos dizer que a escola vem se tornando um objeto de apropriação e ressignificação indígena, tornando-se um importante mecanismo para as reflexões políticas dos Terena, propagadora e legitimadora de suas ações, junto à própria comunidade, uma vez que ela participa ativamente de suas discussões e, principalmente, junto à sociedade envolvente. Segundo Cardoso o desafio que os índios enfrentam nesse momento atual é o de:

Construir uma proposta pedagógica que tenha condições de fazer frente ao que fora colocado pelo sistema educacional oficial, até pouco tempo atrás, propondo como objetivo o conhecimento da realidade local, valorizando o saber acumulado tradicionalmente, que, juntamente com a consciência sobre o entorno e a articulação entre esses dois contextos, possibilitaria alternativas viáveis de etnodesenvolvimento. Assim a escola, seria um canal importante para essa interação em que os índios assumiriam o protagonismo na construção do seu destino, por meio da reflexão, de escolhas conscientes e da autodeterminação, em todos os âmbitos da vida comunitária.¹²

Nessa perspectiva, a escola cumpre uma importante função, uma vez que a educação escolar indígena tem conseguido avanços significativos no contexto nacional e, ainda, os professores indígenas tornaram-se referências para a constituição de um novo tipo

¹¹ CARDOSO, Wanderley Dias. *Aldeia indígena de Limão Verde: escola, comunidade e desenvolvimento local*. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - UCDB, Campo Grande. p. 61.

¹² *Ibid.*, p. 61-62.

de liderança dentro das aldeias. As novas lideranças emergem como interlocutores privilegiados nas arenas políticas externas, nas quais se travam os embates e, além disso, contribuem diretamente com suas ações junto à escola ao proporcionarem discussões que despertam o interesse dos jovens alunos pela história do seu povo. Podemos dizer que atualmente são eles os *guardiões da memória*¹³, junto com os anciãos, necessária e importante para legitimar suas reivindicações junto ao Estado brasileiro.

Nesse movimento, os anciãos indígenas são fundamentais para validar essas ações, pois as informações referentes ao seu passado e às suas contribuições para proteção do território nacional, seja pela sua participação ao lado do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai¹⁴, defendendo o Brasil, seja durante a Segunda Guerra Mundial, seja participando de diversas formas do desenvolvimento econômico¹⁵, legitimam e fortalecem suas ações reivindicatórias por direitos junto ao Estado brasileiro. Nesse sentido, o pesquisador terena Paulo Baltazar destaca em sua pesquisa que:

Historicamente, vários Terena fizeram parte da Força Expedicionária Brasileira. Leão Vicente, da Aldeia Bananal; Irineu Mamede, da Aldeia Água Branca; e Aurélio Jorge, da Aldeinha de Anastácio, MS, que incorporaram ao Exército Brasileiro, pertencendo ao 9º. Batalhão de Engenharia de Combate, sediado em Aquidauana, e participaram da Segunda Guerra Mundial nos campos da Itália. Essa epopéia ficou registrada na memória cultural dos Terena, que relembram os seus heróis no campo de batalha dos brancos. É motivo de orgulho para os Terena comprovar que sua valentia foi reconhecida pelos brancos, até mesmo no estrangeiro.¹⁶

Nesse sentido, os professores são os responsáveis por retomarem e ampliam essas informações nas escolas junto aos seus alunos, propagando para a comunidade, identificando os Terena que participaram de eventos históricos, reunindo conhecimentos para que esses fundamentem suas ações políticas atuais. Insistem em reavivar as memórias do grupo, pois essas permitem uma leitura do passado, iluminam o presente, fortalecem e legitimam as reivindicações atuais, sobretudo as territoriais.¹⁷

¹³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp [1924] 2003.

¹⁴ VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. *A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção*. 2003. Dissertação (Mestrado em História)- UFMS, Dourados, 2003.

¹⁵ GARCIA, Adilso Campos. *A participação dos índios Guanã no processo de desenvolvimento econômico do Sul de Mato Grosso (1845-1930)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História)- UFGD, Dourados, 2008.

¹⁶ BALTAZAR, Paulo. *O processo decisório dos Terena*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - PUC, São Paulo. p. 48.

¹⁷ RAPPAPORT, Joanne. Introdução. *Cumbe renaciente: uma historia etnográfica Andina*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia e História, 2005.

Dessa forma, os Terena se pautam em uma cultura histórica compreendida como o posicionamento que os índios têm a respeito do seu passado e o uso que dele fazem em face das necessidades no presente.¹⁸

Assim, as histórias, as memórias e a língua Terena são ensinadas na escola com o objetivo de contribuir com o fortalecimento do grupo, mais consciente de suas perdas, das transformações vivenciadas ao longo do tempo, da necessidade de organizar e realizar atos políticos reivindicatórios na busca pela garantia e manutenção de direitos. Nesse sentido, é notório o empenho dos professores e dos jovens estudantes indígenas, cada vez mais organizados e comprometidos com a sua história.

As lembranças dos tempos antigos, como os Terena costumam definir o passado e suas memórias, permanecem entre eles, não deixaram de ser transmitidas e ensinadas aos seus descendentes, porém essas histórias adquiriram um novo sentido e estão sendo retomadas, ensinadas e debatidas entre os mais jovens nas aldeias. Nessa perspectiva, a escola foi legitimada pelos índios como o lugar de se compreender essas histórias e ampliar esse conhecimento, para demonstrar a relação entre o passado e o presente, reforçando sua cultura histórica.

Nesse sentido, os professores estão incentivando os seus alunos a se interessarem pelas discussões que envolvem os seus direitos, evidenciando que o território é de suma importância para todos, que o controle sobre ele é uma tradição herdada dos antepassados e tanto a sua defesa quanto a sua ampliação são direitos adquiridos pelas inúmeras ações prestadas ao Estado brasileiro ao longo de sua história de contato com a sociedade envolvente. É com base na memória histórica, portanto, que os Terena fortalecem as ações dos professores e legitimam a escola como um local político privilegiado.

Essa perspectiva adotada pelos Terena passa pelo reconhecimento e a valorização cultural indígena, processos nos quais predomina o diálogo com os anciãos das aldeias, especialmente com aqueles que formavam as antigas lideranças, seja como cacique, liderança política, seja como *Koixomuneti*, liderança religiosa¹⁹. Nos registros realizados por meio de

¹⁸ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O lugar dos índios na história entre múltiplos usos do passado: reflexões sobre cultura histórica e cultura política. In: SHOHET, Rachel. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

¹⁹AÇÇOLINI, Grazielle. *A Adoção de um novo mito*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNESP, Araraquara, 1996.

AÇÇOLINI, Grazielle. *Protestantismo à moda Terena*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UNESP, Araraquara, 2004.

entrevistas nas aldeias de Bananal, Ipegue, Colônia Nova e Buriti²⁰, são essas duas lideranças que se destacam entre eles.

Os *Koixomuneti* são os responsáveis, principalmente, pelas curas espirituais²¹; e, segundo o terena Manoel Amado, também são conhecidos por “padre, que chocalha purungo, que dá remédio, é adivinhador, vamos falar assim, adivinhador²²”. Eram considerados homens sábios, respeitados nas aldeias e fora delas; as histórias que os envolvem são mencionadas com respeito e admiração por seus préstimos nas mais diferenciadas situações; segundo a memória indígena em todas foram bem-sucedidos.

Na aldeia Buriti, por exemplo, todos os anos ocorre a Festa de São Sebastião, seguindo uma antiga prática da Igreja Católica de adoração aos santos, porém, o que os Terena destacam desse processo é a intermediação indígena, a ação em forma de promessa realizada por um *Koixomuneti* respeitado da aldeia. Nessa perspectiva, foi dele a iniciativa de “pedir ajuda ao santo” na busca pela cura da febre amarela, que estava levando à morte muitos índios. Assim, foi a sua ação que resultou no fim da doença na aldeia. Histórias como essas estão sendo reafirmadas pelos Terena perante o grupo. Segundo informações do professor Ramão Pinto Alves:

Ela acontece (a festa de São Sebastião) porque aqui havia uma epidemia de febre amarela, morria 6,7,8 pessoas por dia (na aldeia). Ai o pai do festeiro que é hoje, o festeiro atual, era a gente fala padre, quer dizer pajé, ele era um homem muito sabido, benzia muito bem, ai ele viu a mortandade e ai ele resolveu fazer essa promessa para São Sebastião. [...] Todo ano. E o dia em que a gente parasse essa festa vai começar tudo de novo aquela mortandade da febre amarela, então ela virou uma tradição, virou uma devoção que a gente não pretende parar.²³

Informações semelhantes a esta foram registradas em diferentes aldeias que até recentemente negavam a existência dos *Koixomuneti*, afirmavam que eles não existiam mais. Essa situação de negação muito provavelmente deve ter acontecido devido à presença e à influência de religiões evangélicas nas aldeias²⁴. No entanto, essa realidade de negação de sua existência está mudando e em seu lugar está se constituindo outra em que eles não só existem

²⁰ As aldeias Bananal, Ipegue e Colônia Nova fazem parte do município de Aquidauana; aldeia Buriti faz parte do município de Dois Irmãos do Buriti.

²¹ CARVALHO, Fernanda. “*Koixomuneti*” e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 1996.

²² Entrevista Manoel Amado, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas e Noêmia dos Santos Pereira Moura, aldeia Colônia Nova, 2007, depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

²³ Entrevista Gerson Pinto Alves, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas e Simone Figueiredo Cruz, aldeia Buriti (2009), depositada no acervo do Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

²⁴ MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - UFMS, Dourados, 2001.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena Taunay/Ipegue no século XX*. 2009. Tese (Doutorado Ciências Sociais) - UNICAMP, Campinas, 2009.

como também continuam realizando seus rituais. Além disso, os Terena estabelecem as relações que os atuais *Koixomuneti* possuem com aqueles existentes no passado, atualizando e ressignificando suas histórias perante o grupo.

No que tange ao papel do *Koixomuneti*, dentre as memórias lembradas, os indígenas destacam especialmente as boas relações estabelecidas com os não índios da região, principalmente com fazendeiros que, segundo eles, constantemente recorriam aos índios para obterem a cura de doenças que os médicos não conseguiam resolver e para pedir conselhos sobre as decisões que precisavam tomar, evidenciando não somente aspectos de relações amistosas e de respeito mútuo, mas, sobretudo, a importância daquela liderança indígena.

Nesse contexto, outras informações estão sendo retomadas por meio da memória dos mais velhos, que, ao mencionarem as ações religiosas desenvolvidas nas aldeias, destacaram também as atuações feitas pelas parteiras, mulheres que realizavam os nascimentos dos índios e também dos não índios, quando eram chamadas nas fazendas para realizar os partos das mulheres não índias para terem seus filhos. Os professores terenas Ramão e Cledeir Pinto Alves²⁵ chamam atenção para essas atividades desenvolvidas pelas mulheres indígenas dentro e fora da aldeia:

Alguns anos atrás quando o acesso às cidades era quase impossível, as mulheres quando engravidavam tinham seus filhos em casa, a responsabilidade durante a gestação até a hora do parto não era de médico nenhum. Mas sim de outras mulheres sábias, corajosas as chamadas parteiras, era responsável pelo acompanhamento, tinha papel de arrumar os bebês que estivessem mal posicionado na barriga, faziam diversos banhos, remédios e simpatias para que a mulher tivesse um bom parto. Depois do parto elas cortavam o umbigo, cuidavam a mulher durante a sua dieta, para família de quem ajudou a partejar era uma gratidão e respeito por toda a vida. Que aqui existiu, infelizmente só sobrou uma que é a nossa anciã Olinda Mendes, segundo ela “trazer uma vida ao mundo é algo inexplicável, simplesmente fantástico”.²⁶

Segundo a memória histórica do grupo, eram as parteiras as responsáveis pelo nascimento e desenvolvimento da criança em seus primeiros dias de vida, aquelas que realizavam as simpatias, faziam os chás, que exigiam o conhecimento das ervas para a sua manipulação, receitando e formulando os remédios necessários para diferentes situações em que se encontravam. Essas são algumas das funções destacadas, constituindo-se em informações que também constam na pesquisa desenvolvida pela índia terena Eliane Gonçalves Lima, “A pedagogia Terena e a criança no PIN Nioaque: as relações entre família,

²⁵ Professores que se encontram em atividades na escola Alexina Rosa de Figueiredo na aldeia Buriti para a elaboração da cartilha “Os Terena da aldeia Buriti: saberes e fazeres: têrenoe íhaehiko mburíti – éxonehiko yoko ítukehiko”, foram os responsáveis pelas informações referentes às atividades das parteiras na aldeia.

²⁶ VARGAS, Icléia Albuquerque de et al. *Os Terena da aldeia Buriti: saberes e fazeres: têrenoe íhaehiko mburíti – éxonehiko yoko ítukehiko*. Campo Grande, MS: Ed. Oeste, 2011.

comunidade e escola”²⁷. Essa pesquisadora realizou seu trabalho nas aldeias de Nioaque, no qual pontuou contextos semelhantes, dando visibilidade às relações com os rezadores, com as parteiras e as dificuldades com a língua Terena, que constituem um cenário comum a muitas outras aldeias. Priorizando as atividades desenvolvidas pelas mulheres, Eliane Gonçalves de Lima assinala que:

[...] os partos nos dias de hoje são realizados e, quando a criança e a mãe deixam o hospital, recebem muitas orientações dos profissionais. Um deles é sobre os cuidados com o umbigo. Chegando a aldeia, dona Astrogilda, filha de parteira, revela os procedimentos herdados que são utilizados até hoje, pois são as mulheres mais velhas que cuidam da mãe e da criança.²⁸

Em suas observações, a pesquisadora afirma que os ensinamentos recebidos das parteiras ainda são praticados pelas mulheres Terena, evidenciando a permanência de suas ações. Ainda que os partos se realizem nos hospitais, com médicos e enfermeiros, são os conhecimentos das mulheres que orientam as mães e os filhos, realizando benzimentos, ensinando a utilização de ervas para os remédios nos banhos dos recém-nascidos, que ainda são práticas constantes entre elas.

Essas informações estão sendo recuperadas e atualizadas pelos professores Terena e retomadas na escola, onde são compartilhadas entre os alunos para que conheçam as práticas sociais e religiosas dos antepassados e da importância que os *Koixomuneti* exerceram no cotidiano da aldeia, assim como das inúmeras atuações das parteiras responsáveis pelos nascimentos das crianças quando ainda não existia o atendimento à saúde indígena vinculada à ação do Estado brasileiro nas aldeias. Trata-se de recuperar experiências do passado, no qual se evidenciam as experiências do grupo, conferindo-lhes importância e significado e no qual aparecem como sujeitos de sua história.

As informações colhidas ou reavivadas pelos professores permitem a eles incentivarem seus alunos a relacionar as festividades atuais da aldeia com as suas práticas religiosas tradicionais, estabelecendo elo entre o passado e o presente. É dessa maneira que as memórias dos anciãos atualizam-se por meio do diálogo com os professores da escola e que se ampliam entre os mais jovens e alimentam seu conhecimento sobre a história da sua comunidade étnica.

A valorização dessas informações, desse conhecimento e do jeito de ser Terena têm sido amplamente discutidos e incentivados pelos professores indígenas nas escolas da

²⁷ LIMA, Eliane Gonçalves de. *A pedagogia Terena e a criança do PIN Nioaque: as relações entre família, comunidade e escola*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) -UCDB, Campo Grande. 2008.

²⁸ *Ibid.*, p. 44.

aldeia, os quais acreditam ser esse um dos caminhos para a autovalorização sociocultural dos jovens índios, gerando com esse procedimento sentimentos de pertencimento e de autoafirmação étnica, dando combate a situações anteriores de negação dessa identidade.

Essa percepção, da negação, foi comum para muitos índios até bem pouco tempo, atitude adotada por eles para se protegerem dos preconceitos vividos ao longo de sua história. Experiências negativas vivenciadas por seus antepassados e por eles próprios nesse contexto atual de luta por territórios, principalmente quando realizam os enfrentamentos com o Estado brasileiro, na busca pela garantia de direitos vinculados à sua identidade étnica.

Segundo Rita Gomes do Nascimento, o preconceito é recorrente tanto nos discursos quanto nas práticas sociais entre os povos indígenas, seja na luta pela demarcação de seus territórios, seja na busca por qualquer outro direito dele decorrente. Essas ações são geradoras de conflitos, pois em alguns momentos implicam em ações discriminatórias aos indivíduos identificados como índios e em outras situações no sentido contrário, ou seja, na negação dessa condição por legitimar direitos, conduzindo os índios a buscar novas soluções, para que possam usufruir dessa condição.²⁹

Nesse sentido, a professora Edineide Bernardo Farias evidencia a importância da escola e das ações dos professores que nela trabalham para ajudar a mudar essa situação de negação de sua identidade étnica como forma de fugir do preconceito ainda existente na sociedade envolvente, destacando a função daquela instituição para potencializar os jovens índios, principalmente aqueles que estão se preparando para deixar a aldeia e se estabelecer nas cidades para estudar e/ou trabalhar a enfrentar o preconceito que ainda vivenciam nas mais diferenciadas situações em que se encontram, assinalando que:

A nossa aldeia no fundo a gente tem que saber trabalhar, eu digo aqui na escola com os nossos alunos, fazer realmente eles valorizarem a nossa cultura, fazer com que eles gostem de ser índio, valorizem o ser índio, não tenha vergonha de dizer tanto aqui na escola quanto eles chegarem a universidade e dizer eu sou índio por inteiro. Tem que fazer valer isso. Porque isso é o nosso ponto forte. Por mais que nós não somos falante mais de nossa Língua Terena, da nossa língua materna. Mas ainda temos o nosso espaço. Ainda temos um pouco de nossa cultura, do nosso artesanato, do nosso jeito de ser, esse nosso jeito de ser indígena, a gente nunca vai perder eu digo, a gente pode perder a língua, perdemos um pouco. Mas o jeito de ser Terena não se perde, porque o jeito de ser Terena é diferente, é diferente do homem branco, é diferente de outras etnias, cada etnia tem a sua, e isso a gente carrega, não deixa aqui na aldeia, pra ir pra a cidade, leva junto. E quando a gente chega lá, nós somos analisados por esse jeito de ser. A gente tá tentando trabalhar dessa forma com os

²⁹ NASCIMENTO, Rita Gomes. Performances e experiências de etnicidade: práticas pedagógicas Tapeba. In: LUCIANO, Gersem José dos Santos. OLIVEIRA, Jô Cardoso de Oliveira. HOFFMANN Maria Barroso. *Olhares indígenas contemporâneos*. Brasília: Centro Indígena de Estudo e Pesquisa, 2010.

nossos alunos, para que a nossa comunidade ainda seja assim, voltada realmente para a nossas questões indígenas.³⁰

Diante dessas afirmações, podemos considerar que o trabalho dos professores da aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, está voltado para o fortalecimento da identidade indígena, ao esclarecerem e incentivarem os alunos mais jovens a valorizar sua cultura, fator fundamental na busca por melhores condições de vida.

É recorrente nos registros de professores Terena a preocupação por muitos deles não falarem na língua do grupo. Essa situação tem provocado muitas discussões e reflexões entre eles, que entendem que a escola pode ajudar nesse processo de ensino e aprendizagem. Porém, destacam que para resolver essa questão é necessário ter o apoio de toda a comunidade, pois ela também vivencia esse problema. O professor Gerson Pinto Alves afirma que:

[...] sei porque a gente não esta conseguindo avançar nessa questão de aprender a língua, eu sei onde a gente tem que atacar, por isso que a gente acredita muito nesse governo de agora do Jacinto, [...] a gente tem muita possibilidade de criar projetos através dele para que a gente possa despertar na comunidade, tem muita gente na comunidade que compreender a língua, mas não fala e ta faltando pouquinho coisa para que eles possam ser falantes da língua e trazer eles para a sala de aula, esses pais que em pouco tempo vão estar falando e ai eles vão começar a falar nas casas com os filhos, eles começam a despertar de novo.³¹

Mais uma vez a escola aparece como elo na busca de soluções das necessidades da comunidade, sempre chamada para fazer parte das discussões dos interesses indígenas, como forma de participar ativamente desse processo. Podemos dizer que ocorre um esforço coletivo para sanar esse problema dos não falantes da língua, e os professores apontam como solução que os pais dos alunos também aprendam, para que possam falar com os seus filhos em casa e, dessa maneira, contribuir ativamente para o aprendizado e a manutenção da língua Terena.

Nesse sentido, retomamos o trabalho de pesquisa desenvolvido por Wanderley Dias Cardoso, quando demonstra que entre as dificuldades encontradas por eles em falar a língua Terena na atualidade, constam as várias medidas adotadas pelo Estado brasileiro em “civilizar” os índios, entre elas a instalação de escolas dentro das áreas indígenas durante o Serviço de Proteção aos Índios/SPI, que tinha por objetivo “integrar” os índios na sociedade

³⁰ Entrevista Edineide Bernardo Farias, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas, aldeia Buriti (2010), depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

³¹ Entrevista Gerson Pinto Alves, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas e Simone Figueiredo Cruz, aldeia Buriti (2009), depositada no acervo do Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

envolvente, sendo que naquele período as aulas eram ministradas pelas esposas dos então chefes de posto. Dessa forma, dentro do projeto de integração, a escola era uma das colaboradoras que tinha como prática não respeitar a cultura, a língua, organização política e social dos povos indígenas³².

Na perspectiva de Wanderley, dentro daquela dinâmica, a escola foi responsável pelo “apagamento” da cultura indígena. Esse é um fator importante para ser levado em consideração, porque o Estado brasileiro não permitia o uso da língua indígena, eles eram proibidos de se comunicar por ela e na escola somente a língua portuguesa era autorizada. Existem vários outros motivos registrados por eles para a desvalorização da língua Terena, como a necessidade do trabalho nas fazendas, os que falavam também compreendiam melhor o português e vivenciavam menos os preconceitos, as chacotas e os deboches comuns naquela situação. Esses fatores justificam a afirmação de Vicente José Carlos da aldeia Água Branca, em Nioaque quando se referiu à língua Terena e ao mesmo tempo explicou porque a maioria deles não é mais falante: “meu avô dizia [...] não serve para nada, só para envergonhar a gente na frente desse povo³³”. Várias situações semelhantes vivenciadas pelos índios resultaram na decisão de não ensinarem a língua aos filhos e aos netos, como forma de protegê-los dos constrangimentos que haviam passado. Esses e muitos outros apontamentos explicam as dificuldades que atualmente possuem com ela.

Na perspectiva de resolver a situação, os professores indígenas incentivam todos, alunos, pais e demais membros da comunidade a se esforçarem para aprender a língua Terena. Esse é um dos compromissos da escola, que entre as suas preocupações constam também a questão da luta pela demarcação de seu território, essa é uma das questões centrais que envolvem os índios. Pois a sua falta implica em uma série de outros tantos problemas, tais como: a ausência de lugar para realizar as plantações agrícolas, decorrente da necessidade de ocupá-las para as construções de casas, devido ao aumento populacional das aldeias, que, por sua vez, também provocam as saídas de muitos índios para as cidades e fazendas da região em busca de trabalho e de oportunidades que ela não consegue mais proporcionar.

Entretanto, os professores reforçam que não importa para onde eles vão; sempre levarão consigo suas características identitárias: elas não ficam na aldeia, seguem junto com eles para onde forem. E esse fato contribui de forma positiva para os Terena; é diante dessa situação que eles fortalecem o vínculo e o pertencimento ao grupo para garantir o cumprimento de direitos conquistados.

³² CARDOSO, op. cit.

³³ LIMA, op. cit., p. 49.

Atualmente, os Terena no Mato Grosso do Sul encontram-se numa disputa com os proprietários particulares da região para reaverem as terras que ocupavam anteriormente e que passaram a pertencer a particulares e constituíram-se nas grandes propriedades rurais do estado. Os índios denominam esse processo de “retomada”, pois, segundo eles, estão retomando áreas tradicionais, no caso da aldeia Buriti, uma área que corresponde a, aproximadamente, 17 mil hectares de terra. Situação que resultou em vários conflitos entre índios e não índios, inclusive na morte do terena Oziel Gabriel, em maio de 2013. Circunstância comum às demais áreas indígenas.

Essas ações têm movimentado as aldeias de diferentes maneiras e os professores tornaram-se os principais interlocutores dessa questão entre os alunos, a comunidade e, sobretudo, com a sociedade envolvente. A escola ampliou o diálogo com a universidade, o que se configura como importante mecanismo de comunicação utilizado para incentivar o debate sobre a “retomada”, assunto discutido constantemente inclusive em sala de aula, como evidencia o professor Gerson Pinto Alves:

Essa questão da terra é realmente um assunto que é conversado dentro da sala de aula e na casa com os pais da criança. No sentido que nós temos sustentação que sai da terra e inclusive hoje, por exemplo, a sua casa você acaba tendo que ir lá tirar as coisas que tem lá. As crianças hoje os conceitos que se dá [na] escola é que eles são os responsáveis pela terra. Então antes já vinha isso natural, cada indígena que tinha que cuidar e cuidar porque a terra dá nossa vida e hoje foi levado isso mais forte na sala de aula, você mostra realmente para as crianças o quanto que ela é importante. Aí a gente acaba mostrando outras coisas também, percebemos que para equilibrar a natureza, não é que a aldeia não vai conseguir, nós tiramos sim algumas coisas da natureza, mas hoje tem essa preocupação, hoje tem consciência tem dez árvores eu não posso chegar lá e cortar as dez. Eu chego e tiro duas desse grupo de dez e deixo lá, a terra tá precisando disso. E quando se trata de plantio, hoje com esse cuidado já não precisa mais ficar derrubando mata pra poder fazer, vou ter que reaproveitar o que já foi derrubado antes, para não engrandecer essa derrubada que existiu ali. Temos uma boa vivência com a terra, isso é geral dentro da comunidade. Esse respeito, esse amor pela terra.³⁴

As afirmações acima demonstram, novamente, as atividades desenvolvidas nas escolas indígenas que, como pontuamos ao longo deste texto, cumprem na atualidade a importante função de propagação de conhecimentos. A reformulação entre o passado e o presente, traduzida em memória histórica dos Terena, torna-se fundamental para mediar as disputas pela ampliação do território. A importância que a terra exerce no cotidiano da aldeia é constantemente destacada entre os índios, tanto na escola quanto em sua casa junto à

³⁴ Entrevista Gerson Pinto Alves, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas e Simone Figueiredo Cruz, aldeia Buriti (2009), depositada no acervo do Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

família. Esses são procedimentos de divulgação de conhecimentos e informações que circulam na escola e na comunidade.

Outra importante função dos professores é a de reforçar, entre os alunos e entre as lideranças indígenas, que o uso da força física não resolve os seus problemas territoriais e que é necessário se organizar, compreender os mecanismos do Estado brasileiro para se apropriar deles e então realizar os enfrentamentos necessários. Nesse caso, a professora Edineide afirma que:

A nossa única arma é se afirmar na educação, no estudo, porque é lá, aí sim que nós vamos se formar um advogado que realmente voltado para causas indígenas. Agora enquanto a gente ficar aqui vou desistir de estudar, falar em retomada aí não adianta, porque ainda nós não temos força para medir com o poder público. Porque às vezes nós não somos nem atendidos, porque nós não temos nenhum advogado aqui dentro. [...] A gente espera que os alunos possam ter essa noção de lutar, a gente diz assim: na lei. Porque sabemos que existem leis que muitos de nós não somos conhecedores e como faz para ela sair do papel e entrar em vigor.³⁵

Esse é o momento atual que os Terena estão vivendo, capacitando-se nas mais diversas áreas do conhecimento, destacando-se naquelas vinculadas às licenciaturas, as quais já produziram um número de profissionais que atendem às necessidades da região indígena de Buriti. A educação escolar nessa área está praticamente atendida, ou seja, existem profissionais formados e que suprem as necessidades existentes nas escolas, tornando-se necessário olhar para outras áreas, tais como Saúde e Direito, como apontou a professora Edineide. Trata-se, sobretudo, do interesse pelos cursos de graduação em Farmácia e em Direito, campos que começam a ser ocupados pelos Terena, os quais mais uma vez se apropriam dos conhecimentos acadêmicos para fundamentar suas reivindicações e garantir direitos, embasados nas leis que o Estado brasileiro estabeleceu.

Nesse novo contexto, sobressai a atuação em defesa dos direitos indígenas do advogado terena Luiz Henrique Eloy Amado, graduado em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, em 2011. Mestre pela mesma universidade, no programa de pós-graduação em Desenvolvimento Local, defendeu sua dissertação intitulada: “Poké’uxa ûti o território indígena como direito fundamental para o etnodesenvolvimento local”, em 2014, doutorando no programa de pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional/UFRJ PPGAS. É advogado de várias comunidades indígenas em vários processos judiciais que versam sobre demarcação e posse indígena. As defesas empreendidas por Luis Eloy resultaram em situações que mostraram claramente a persistência de preconceitos em relação

³⁵ Entrevista Edineide Bernardo Farias, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas, aldeia Buriti (2010), depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.

à capacidade dos indígenas. Ao atuar como advogado e acessar as leis que regem o Estado brasileiro e os direitos indígenas, do ponto de vista jurídico, passou a ter sua identidade indígena questionada por parte dos não índios e, assim, enfrentou a ameaça de cassação do seu registro na Ordem dos Advogados do Brasil/OAB. Ações que demonstram não somente o preconceito existente na sociedade envolvente, mas, sobretudo, a oposição radical aos direitos territoriais indígenas, embasados na identidade étnica.

Porém, os índios seguem firmes em seu propósito de gerir seu próprio destino, na busca pela sua autonomia, sem abrir mão de sua identidade. Na aldeia ou na cidade, não importa; a busca por soluções não os impede de ser índios; ao contrário, é esse sentimento de pertencimento ao povo Terena que possibilita e reforça mais ainda a complexa dinâmica de suas ações.

Escola e universidade tornaram-se importantes mecanismos para a ampliação do diálogo entre índios e sociedade envolvente, entre os índios e o Estado brasileiro. A educação escolar faz parte da vida dos Terena há muito tempo, mas atualmente apresenta outras inquietações e outros significados, entre os quais a de ser instrumento na luta para a sua reafirmação étnica, associando-se conhecimentos “tradicionais” e conhecimentos dos não indígenas:

A gente não deixa de reforçar aqui na escola [...] que eles (alunos) consigam levar em paralelo a cultura do branco com a cultura do indígena, porque também não adianta falar assim, você não pode aceitar nada que é do branco, não adianta, não tem como, hoje não se tem, ou seja, nós temos que saber fazer essa análise, saber trabalhar levar em conjunto essas duas coisas, porque daqui pra frente é isso que sempre vai acontecer, você adquirir algo que não é do indígena.³⁶

Transitar nesses dois mundos não é tarefa fácil. Mas os Terena estão conseguindo avanços significativos. O constante ir e vir entre as aldeias e as cidades, seja para estudar ou trabalhar, faz parte do cotidiano Terena. As atividades realizadas pelos professores indígenas, entre elas o fortalecimento de sua identidade étnica, evidenciam essa nova situação constituída e forjada pelos próprios Terena. As ações dos índios têm mostrado que eles não apenas são sujeitos de sua própria história, atuando em defesa de interesses coletivos, provocando mudanças significativas em sua história, marcando-a de forma positiva, demonstrando novamente que são capazes de gerir o seu destino. A apropriação da escola pelos Terena permitiu que ela se tornasse o principal núcleo de discussão e de fortalecimento de suas ações reivindicatórias junto à sociedade envolvente.

³⁶ Entrevista Edineide Bernardo Farias, realizada por Vera Lúcia Ferreira Vargas, aldeia Buriti (2010), depositada no Laboratório de História Indígena/LHIN/UFMS/CPAQ.